

# DU RIFI CHEZ LES HOMMES / 1955

(*Rififi*)

um filme de Jules Dassin

**Realização:** Jules Dassin / **Argumento:** Jules Dassin, René Wheeler, segundo o romance de Auguste Le Breton / **Fotografia:** Philippe Agostini / **Direcção Artística:** Auguste Capelier, Alexandre Trauner / **Montagem:** Roger Dwyre / **Música:** Georges Auric / **Intérpretes:** Jean Servais (Tony le Stéphanois), Carl Mohner (Jo le Suedois), Robert Manuel (Mário Gerrati), Janine Darcey (Louise le Suedois), Pierre Grasset (Louis Grutter, aka Louis le Tatoué), Robert Hossein (Remi Grutter), Dominique Maurin (Tonio le Suedois), Magali Noel (Viviane), Marie Sabouret (Mado les Grands Brás), Claude Sylvain (Ida ferrati), Jules Dassin/Perlo Vita (César le Milanais), etc.

**Produção:** René Gaston Vuattoux / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em inglês e eletronicamente em português, 118 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, em 13 de Abril de 1955 / **Estreia em Portugal:** Avis, em 16 de Setembro de 1960.

---

Ao lado de **Touchez Pas au Grisbi**, de Jacques Becker (que vimos na sessão de ontem), **Du Rififi Chez les Hommes**, é o mais importante e influente dos policiais franceses da década de cinquenta. Curiosamente não foi dirigido por um francês, mas sim por um americano de pura gema: Jules Dassin, nascido no Connecticut em 1911.

Jules Dassin é já conhecido desta sala, pois dele exibimos em tempos alguns dos filmes que contribuíram para a sua fama, em particular a série de filmes «negros» que realizou entre 1947 e 1950: **Brute Force/Brutalidade**, **The Naked City/Nos Bastidores de Nova Iorque**, **Thieves' Highway/O Mercado dos Ladrões** e **The Night and the City/Foragidos da Noite**. Como outros directores da mesma geração, Jules Dassin foi objecto de investigações da Comissão de Actividades Anti-Americanas, devido às suas ligações com a esquerda. Como Joseph Losey e John Berry, Dassin escolheu o exílio quando foi convocado a testemunhar perante a Comissão, procurando trabalho na Europa. Como John Berry (autor de um notável filme negro de 1951: **He Run All the Way/Desafio à Morte**), encontrou uma nova oportunidade em França, em 1955, e ambos no filme policial onde já tinham dado provas nos Estados Unidos. Berry na série de filmes de Eddie Constantine (responsável por dois dos melhores, **Ça Va Barder/Vai Haver Sarilho** e **Je Suis Un Sentimental/Eu Sou Um Sentimental**, ambos de 1955), e Dassin com **Du Rififi Chez les Hommes**.

**Du Rififi Chez les Hommes** adapta um romance de Auguste Le Breton, que seguia a nova moda instituída por Albert Simonin com o seu **Touchez Pas au Grisbi**, que tem por cenário o mundo do «milieu» e um olhar simpático sobre alguns gangsters de Paris, que se regem

por rígidos códigos de honra, destacando a amizade e o respeito mútuo que ligam alguns desses marginais, num ambiente misógino, onde as mulheres são apenas o «repouso do guerreiro», ou seres fracos e venais responsáveis pela perdição dos homens. A acção circula geralmente à volta de um «golpe» que um grupo prepara cuidadosamente e levado a cabo com sucesso, falhando depois, devido à traição de uma mulher e à cobiça de outros marginais. Tudo isto temperado com uma linguagem peculiar, o «argot», recheado de termos especiais e praticamente incompreensíveis pelos que estão de fora do «milieu». Este tipo de linguagem, que implicava, nos primeiros livros, a publicação em anexo de uma espécie de mini-dicionário do «argot», com o seu exotismo e colorido foi mais uma das razões do sucesso dos livros e das suas adaptações ao cinema.

A influência de **Grisbi** e **Rififi** na literatura e cinema do género, revela-se na catadupa de livros e filmes que a seguir apareceram, quase todos à volta de assaltos que acabam mal. Neste aspecto, o filme de Dassin será, talvez, o mais sugestivo, até por algumas «más» influências. Por exemplo: algum tempo depois da sua estreia em Lisboa, com cinco anos de atraso (razões de censura, devido à forma meticulosa como o assalto é encenado) uma ourivesaria lisboeta foi alvo de um assalto perpetrado da mesma forma. Mas esta sequência do assalto é notável por outras razões. Em termos de encenação e realização é um autêntico «coup de maître», um exercício fascinante que dura mais de vinte minutos sem que uma palavra seja pronunciada. A forma como a acção se desenvolve e a sua montagem é do mais perfeito que se viu no cinema policial francês e não só. Outra grande qualidade do filme é a fotografia de Philippe Agostini, que constrói uma atmosfera digna dos melhores filmes «negros», ou de alguns policiais alemães (estou a pensar nos filmes de Fritz Lang dos anos 20 e 30) e franceses (**La Nuit du Carrefour**, de Jean Renoir), que nos revela uma «outra» cidade de Paris, com os seus exteriores nebulosos por onde circula o carro de Tony levando a sua carga de morte, pela Étoile e os boulevards.

**Du Rififi Chez les Hommes** é a história de um assalto que acaba mal, por uma série de acasos e desencontros. O filme abre com uma sequência onde Dassin mostra de imediato de onde vem, o cinema «negro» americano: uma sala cheia de fumo, um plano que enquadra uma mesa onde mãos lançam cartas entre fichas de jogo. O plano seguinte, após um breve movimento de câmara, mostra-nos a figura de Tony, «le Stéphanois», tossindo (está tuberculoso devido à estadia na prisão) e perdendo os últimos francos, acabando por telefonar para um velho amigo a pedir dinheiro. É Jo, «le Suedois», que de imediato vem em seu auxílio. Tony, que é padrinho do filho de Jo, quer «retirar-se», preparando um último golpe que lhe permita «desaparecer». O alvo é uma ourivesaria da Place Vendôme, e para a operação faz apelo a um grupo de cúmplices da «velha guarda», entre eles um mestre em arrombar cofres, César, «le Milanais» (interpretado por Perlo Vita, que não é outro senão o próprio Dassin, com pseudónimo). César tem, porém, um vício, as mulheres. E será por causa disso (ao oferecer, inconscientemente, um anel roubado, a uma conquista de ocasião, que o denuncia a um gang rival) que tudo começará a resvalar, quando o outro gang rapta o filho de Jo, exigindo o saque do roubo em troca. Como no mais típico filme «negro», os desencontros (entre Tony, que investiga e persegue o gang e Jo, que desespera por notícias do filho) irão levar ao trágico desenlace.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico